

# Nada mais inconcebível...<sup>1</sup>

Juarez Guedes Cruz,<sup>2</sup> Porto Alegre

*No texto a seguir, é feita uma aproximação entre as reflexões de Nietzsche a respeito das “verdades” que criamos em nossa busca de certezas nas mais diversas áreas do conhecimento e as ideias de Bion sobre a maneira como utilizamos a teoria para compreender o que está acontecendo com nosso paciente. A partir desse paralelo, são tecidos alguns comentários críticos sobre os diversos tipos de afirmativas presentes na prática psicanalítica e o papel do sonho e da arte na convergência entre os dois elementos do binômio verdade-mentira.*

*Palavras-chave: Nietzsche; Bion; Verdade; Mentira; Arte; Sonho*

---

<sup>1</sup> Dedicado à memória da professora Maria Luiza Ritzel Remédios, incansável pesquisadora da literatura, por sua ajuda na elaboração deste ensaio. Agradeço aos colegas Maurício Marx e Silva, Ruggero Levy e Viviane Sprinz Mondrzak, pelos valiosos comentários e sugestões.

<sup>2</sup> Médico, psiquiatra e psicanalista. Membro efetivo e analista didata da Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre.

## 1. Animais espertos inventam o conhecimento

De um modo quase debochado, Friedrich Nietzsche (1873) assim inicia seu demolidor ensaio a respeito dos conceitos de verdade e mentira:

Era uma vez, em algum canto remoto do universo, cintilando entre inúmeros sistemas solares, uma estrela em que animais espertos inventaram o conhecimento. Foi o minuto mais arrogante e hipócrita da “história mundial”: mas, de todo modo, foi apenas um minuto. Depois de alguns suspiros da natureza, a estrela esfriou e congelou, e os astuciosos animais morreram. Alguém poderia inventar essa fábula e, mesmo assim, não teria ilustrado suficientemente o quanto é lamentável, frágil e fugaz, quão sem sentido e arbitrário, o intelecto humano [...] apenas seu dono e criador o considera tão solenemente, como se ele fosse o eixo em torno do qual girasse o mundo (posição 4728 a 4736).

Ao longo do texto, Nietzsche terá oportunidade de argumentar que, em busca de certezas nas mais diversas áreas do conhecimento, criamos “verdades” cujos enunciados muitas vezes não passam de enganos ou ilusões, falsificações afastadas da realidade. Levando esse raciocínio às últimas e hiperbólicas consequências, o filósofo sugere que nós, humanos, que tanto nos orgulhamos de nossas verdades, mentimos para viver. Nietzsche, que já foi qualificado como um dos *mestres da suspeita* (os outros dois são Marx e Freud), faz um impiedoso alerta com relação ao caráter dissimulador do intelecto humano: somos ávidos por criar “verdades” e demonstrá-las para nos tranquilizarmos e sobrevivermos psicologicamente.

Nessa reflexão extremada, os mitos e as religiões, com suas poderosas e sedutoras narrativas, são as mais grosseiras mentiras produzidas pelo homem. Seguem-se a filosofia e a ciência, tentando ordenar, através de sistemas teóricos tantas vezes calmantes e até anestésicos, o aflitivo vazio de ignorância a respeito do mundo que nos cerca e de nossa natureza íntima.

## 2. Nada mais inconcebível que um instinto de verdade

Logo após esses primeiros parágrafos, Nietzsche (1873) fere nossos ouvidos bionianos – tão encantados com a melodia que descreve a verdade como alimento do psíquico – ao declarar que, em função do alto grau de desenvolvimento da arte

do disfarce e do amor à vaidade, “[...] quase nada é mais inconcebível do que o aparecimento, nos homens, de um instinto de verdade honesto e puro” (posição 4744 a 4751).

A partir de tal introdução, sustentará, ao longo do texto, que o efeito mais comum das operações do intelecto é a ilusão de que mantemos algum contato com a verdade essencial da natureza. De maneira impiedosa desconstrói a imagem do homem, e o coloca em sua triste e desvalida condição de animal frágil e fugaz sobre a face da Terra, tentando tirar o máximo de suas efêmeras e tantas vezes absurdas décadas de existência, e dando algum significado, mesmo que enganoso, a elas. Para o filósofo, essa arte da dissimulação tem o objetivo de criar uma cortina de fumaça, ocultando o fundo trágico da existência, para continuar vivendo.

E, acrescenta: só conseguimos manter o engodo de que possuímos uma verdade em função do nosso talento de negar a existência de detalhes que diferenciam um acontecimento do outro; e toda a generalização implica em postular igualdades e identidades entre fenômenos que são distintos em suas características íntimas. Todo conceito que possua algum grau de abstração, Nietzsche (1873) sustenta, foi formado “[...] a partir do abandono arbitrário das diferenças individuais e do esquecimento daquilo que as distingue entre si” (posição 4803). Ou seja, tendemos a omitir detalhes na ânsia de generalizar e unificar. Exemplifica comentando que, do mesmo modo como criamos o conceito *folha* desprezando as diferenças que uma folha tem de outra, urdimos o conceito *honestidade* desatendendo aos contrastes que uma ação honesta e suas motivações têm com outra ação honesta e suas causas. Poderíamos acrescentar, reforçando esse raciocínio, o quanto são confusas nossas distinções entre o que é moral e o que é ético, embora saibamos descrever várias ações que podemos qualificar como éticas ou morais, sem que necessariamente consigamos conceituá-las.

### 3. Catedrais de conceitos sobre areia movediça

Mais adiante, Nietzsche (1873) descreve a verdade como

[...] um somatório de relações humanas que foram intensificadas poética e retoricamente, deslocadas e embelezadas, e que, depois de um longo uso, parecem ao povo estabelecidas, canônicas e unidas. Verdades [...] são ilusões que esquecemos que são ilusões, metáforas que se tornaram esgotadas e perderam suas forças, moedas que perderam sua imagem e são agora consideradas como metal, não mais como moedas (posição 4813).

Seguindo em seu ensaio demolidor, Nietzsche considera o homem um *poderoso gênio da construção* (*Idem*, posição 4841), pois consegue erguer catedrais de conceitos sobre fundações tão movediças. Ironicamente, compara o pensador nas diversas áreas do conhecimento ao sujeito que esconde um objeto atrás de uma moita, e depois o procura e rejubila-se ao encontrá-lo exatamente onde escondeu. “Do mesmo modo que os astrólogos”, diz ele, “que consideram as estrelas a serviço dos homens e as relacionam com sua felicidade ou seu sofrimento, tal pesquisador considera o universo em conexão com os homens... [esquecendo] que as metáforas originais da intuição são já metáforas, e as toma pelas coisas mesmas” (*Idem*, posição 4850 a 4859).

Linha a linha, Nietzsche (1873) segue despedaçando nossas certezas a respeito das definições que criamos e de suas limitações para compreender o que de real e verdadeiro está acontecendo à nossa volta: “Do mesmo modo que a abelha constrói as células de sua colmeia e logo as preenche com mel, assim a ciência trabalha incansavelmente no seu grande pombal de conceitos que é o cemitério das intuições” (posição 4906). Tal expressão, *cemitério das intuições*, é incrivelmente dolorosa. Um grito com relação ao quanto o uso dessa moeda gasta das suposições repetidamente vazias impede a criatividade e o contato com a natureza mais essencial do mundo à nossa volta e do sujeito que somos.

Não interpretamos a natureza, mas aplicamos as teorias que temos a respeito do mundo antes de sair a percorrê-lo. Ou seja, criamos e preenchemos compartimentos especulativos, e depois abarrotamos o ambiente de significados segundo “verdades” que, previamente, condicionam o olhar que temos a respeito dele. Nietzsche não está negando o valor das teorias que os grandes pensadores construíram ao longo da história da civilização. Está apenas alertando com relação à pressa de aplicar o que supostamente já conhecemos quando recorrermos toda hora ao nosso variado pombal de conceitos. Qualquer semelhança com as ideias de Bion a respeito de memória e desejo, como veremos a seguir, não é mera coincidência.

#### **4. Agora, a psicanálise**

Chegado ao início do ensaio de Nietzsche – o neologismo, de tradução de Donaldo Schüller (Joyce, 2003), cabe para marcar o quanto as reflexões expostas em *Verdade e mentira num sentido extramoral* retornam e retornam ainda que terminada a leitura –, é necessário revelar que resisti muitas vezes a aplicá-lo imediatamente à teoria psicanalítica. Mesmo considerando que muitas vezes Nietzsche exagere a dose de descrença e suspeita – e chegue quase a menosprezar o inestimável valor

da captação das semelhanças além das aparências e do fato selecionado, resultantes de uma útil e seletiva negligência das desigualdades na construção das teorias –, é inegável que suas ideias constituem um eficiente alerta contra o uso automático de conceitos precedendo, no nosso caso, a experiência clínica. E é nesse ponto que Bion está muito próximo dele. Em diversos momentos, me perguntei o quanto Bion conhecia e nutriu-se desse texto, tamanhas são as semelhanças entre o que diz o filósofo alemão e o que escreve o psicanalista inglês. Recusei-me, no entanto, a antecipar aproximações. Resolvi concluir a resenha para, só então, abrir a porta na qual Bion batia impaciente.

Ao aproximarmos esses questionamentos feitos por Friedrich Nietzsche com as ideias de Wilfred Bion, lembramos que o mesmo modelo da moeda gasta, utilizado por Nietzsche, foi referido por Bion quando se reportava às definições psicanalíticas que, depois de um longo uso, perdem a profundidade e o frescor originais e são repetidas mecanicamente. Esse paralelo ajudou-me a construir a linha de raciocínio que pretendo adotar no ensaio: a maneira como utilizamos a teoria para *compreender* o que está acontecendo com nosso paciente. Quantas vezes, por exemplo, nas discussões de material clínico, ouvimos os presentes referirem-se à *função-alfa*, ou a *elementos-beta*, ou a *O* – conceitos que Bion criou propositadamente não saturados, evitando assim qualquer penumbra de associações – como se todo mundo soubesse bem o que ele quis dizer ou estivesse falando na mesma coisa. Com isso, quero ressaltar que, no meu texto, não reportarei resistências, silêncios, lapsos, ilusões, falsidades e mentiras presentes no material do sujeito que nos consulta. Vou me dedicar, isto sim, às verdades, ilusões e mentiras presentes em nossa escuta e em nossas teorias a respeito dos fenômenos mentais.

Em primeiro lugar, reconhecemos que é muito duro o questionamento de Nietzsche, pois sabemos o quanto os seres humanos dominam o mundo por sua capacidade de interconexão através das narrativas orais e escritas capazes de tecer uma rede intersubjetiva de significados. Como lembra Harari (2015), o sapiens foi capaz de criar “[...] uma teia de leis, forças, entidades e lugares que existem unicamente em nossa imaginação comum. Essa teia permite apenas aos humanos organizar cruzadas, revoluções socialistas e movimentos de direitos humanos” (p. 156). Poderíamos acrescentar às cruzadas, às revoluções e aos movimentos sociais as teorias que sustentam as instituições psicanalíticas como um todo e a cada processo psicanalítico em particular, nos relatos de vida, factuais ou não, que construímos com nossos pacientes.

Não podemos esquecer que as malhas de noções sistematizadas em nossas teorias constituem um conjunto de convenções simbólicas válidas em um período da história da psicanálise, mas que podem perder seu valor poucas décadas depois,

quando nova onda de teorias dominar o cenário. Como diz Harari (2015), no decorrer da evolução de uma ciência um tecido de significações

[...] se desfia e uma nova teia estende-se em seu lugar. Estudar história significa observar a tecedura e o desfazimento dessa teia e dar-se conta de que o que parece ser o que há de mais importante na vida de alguém em determinado período torna-se para seus descendentes algo totalmente desprovido de significado (p. 152-153).

Para tornar mais contundente essa reflexão, precisamos lembrar o quanto as redes de sentidos elaboradas e mantidas por tais teorias podem ser aprisionadoras. Basta recordar a observação da professora Maria Luiza Ritzel Remédios (2010), lembrada na dedicatória deste artigo, a respeito da *Máquina infernal*, de Jean Cocteau (1934), em que o sujeito, submetido a um traçado transgeracional, está impedido de sonhar seus sonhos. Seu destino já está determinado por forças que o antecedem. Cocteau (*Idem*) chega a referir-se a essas forças, nas tragédias gregas, como “[...] uma das mais perfeitas máquinas construídas pelos deuses infernais para a humilhação matemática de um mortal” (p. 13). No tema que estou abordando, as ilusões teóricas personificam esses deuses infernais que determinam ou, no mínimo, sugerem o que podemos e o que não podemos pensar.

Conseguimos, no entanto, atenuar o radicalismo de tais afirmativas pensando que essas *teias de significado* abandonadas – do mesmo modo que o geocentrismo cedeu passo ao heliocentrismo científico – passam a ter um valor histórico, e que as novas redes de significação simbólica só puderam ser construídas a partir do alicerce proporcionado por inexistências provisórias. E lembrar que as *ficções* científicas que criamos e divulgamos através da escrita e das comunicações em congressos foram valiosas na qualidade de códigos e princípios compartilhados e passados de uma geração para outra. O problema surge quando, nessa passagem, em vez de manter seu potencial criativo, os conceitos transformaram-se na moeda gasta citada anteriormente e são repetidos de modo mecânico. Relembrando o propósito deste ensaio, perderam seu valor aproximativo com a verdade e transformaram-se em mais um nicho do *cemitério de intuições* alegado por Nietzsche. Tanto Nietzsche quanto Bion estão se referindo ao problema das falácias do pensamento já elencadas, na história da filosofia, por Aristóteles (falácias de reificação ou concretização), passando por William James (falácia do psicólogo), quando descrevem o erro de tratar uma ideia como se fosse uma coisa, ou o seu ponto de vista como se fosse o fato mental que está reportando.

Nesse mesmo sentido, Bion está permanentemente advertindo para que

essas ficções que criamos não se tornem verdades das quais não arredamos o pé. Por isso, a leitura de Nietzsche e a obra de Bion causam impacto em qualquer analista que entre em contato com elas. Isso leva, de imediato, à reflexão do quanto é difícil, na prática analítica do dia a dia, despojar-se das ilusões proporcionadas por nossas teorias prediletas e adotar uma verdadeira posição *sem memória e sem desejo* (Bion, 1967). Falamos nisso todo dia, mas realizá-lo com naturalidade talvez só fosse possível para um Bion, que era visceralmente avesso a afirmativas, ou, como o imagino, a um Sócrates no prazer do diálogo.

## 5. Ferindo ouvidos bionianos

Na sessão dois falei mesmo em *ferir ouvidos bionianos*? Compreendi, ao longo da escrita deste texto, que as ideias de Nietzsche não machucariam os ouvidos do próprio Bion. Até me pergunto, como já disse anteriormente, o quanto Bion conhecia este ensaio do filósofo alemão, ou se chegou onde chegou de modo independente ao incorporar os pensamentos sem pensador que estão à nossa volta aguardando-nos com paciência. Em *Atenção e interpretação*, Bion (1970) já nos alertava sobre o quanto esquecemos que o dom da palavra “[...] foi elaborado tanto com o propósito de esconder o pensamento, por meio da dissimulação e da mentira, quanto com a finalidade de elucidá-lo ou comunicá-lo” (p.3). Com relação à abordagem quase impiedosa de Nietzsche, o único alívio proporcionado por Bion é a criação – entre as categorias extremas de “verdade” e “mentira” – das afirmativas que possuem a natureza de *falsificações* (no inglês original, ele utiliza as expressões *false* e *falsehood*). Essas se devem ao conhecimento insuficiente e sempre aproximativo a respeito de qualquer assunto que estudemos, mas não têm, diferentemente da mentira, a intenção de enganar. Elas são apenas afirmativas incompletas. Para enriquecer a discussão, é preciso lembrar que a palavra alemã *Lüge*, utilizada por Nietzsche no título de seu ensaio, *Über Wahrheit und Lüge im aussermoralischem Sinn*, pode ser traduzida tanto como “mentira”, quanto como “falsidade”, o que acercaria mais ainda o texto do filósofo alemão com as ideias do psicanalista inglês.

Aqui é necessária outra advertência: como as palavras *falsificações* e *falso* aproximam-se, em português, do conceito de *mentira* – através de suas ressonâncias com algo desleal e dissimulado, com insinceridade e traição – seria preferível traduzir o *falsehood* bioniano não por afirmativas falsas, mas por afirmativas inexatas, incompletas ou parciais; assim expressando o conceito que Bion quer

transmitir: de um conhecimento que é válido, mas passageiro, necessariamente incompleto.

Aliás, são muito esclarecedores, nesse mesmo sentido, os estudos de Bianchedi (1993), Bianchedi e colegas (2000), depois incrementados por Grotstein (2007), quando criam categorias entre Verdade e Mentira ao longo de um gradiente.

*Verdade* (com *V* maiúsculo) é a Verdade Absoluta, inacessível, platônica, a Coisa-em-si do mundo das ideias, relacionada a uma Realidade Última, *O*, um domínio inalcançável pelo conhecimento humano. → *verdade* (com *v* minúsculo) é o resultado de operações de transformações da categoria anterior em uma verdade pessoal, emocional, subjetiva, que pode ser pensada, sentida e permite o crescimento mental, possibilita aprender com a experiência. → *falsidade ou inverdade*, expressão da verdade subjetiva e pessoal, é uma afirmativa que veicula um conhecimento insuficiente e aproximativo a respeito de qualquer assunto que estudemos, mas não possui, diferentemente da mentira, a intenção de enganar. É, apenas, uma afirmativa incompleta ou inexata já que não temos acesso à Verdade. → *mentira* (com *m* minúsculo) é a mentira inconsciente dos mecanismos de defesa e não tem o intuito de iludir, apenas atenuar a dor tantas vezes dilacerante da verdade. → *Mentira* (com *M* maiúsculo) é a mentira consciente, deliberada, com o propósito de fraudar.

O gradiente assim concebido alivia nosso estudo do tema, pois se o extremo da Verdade é, de todo modo, inacessível, o outro extremo, o da Mentira, só é concebível nos casos de patologia de caráter do analista, o que restringe a questão a algo que escapa da nossa prática suficientemente boa do dia a dia e do escopo deste ensaio.

## 6. Finalmente, um pouco de clínica

A verdade sobre alguns acontecimentos da história de vida de cada um de nós provoca tanta dor ou vergonha, que só pode ser abordada “[...] oblíqua ou tangencialmente, devido ao seu ‘brilho cegante’” (Grotstein, 2007, p. 157). *Brilho cegante* soa até poético e não é tão horrível. Talvez a melhor expressão fosse: devido ao terror e à sensação de catástrofe que certas verdades causam. Podemos, então, acrescentar que nossa reserva com relação a essas verdades não acontece em função do literário *brilho cegante*, mas por causa da dor e da vergonha que nos provocam sua simples lembrança. Aqui, não estou me referindo a revelações desses acontecimentos para os outros. Nesses casos, também corremos o risco da condenação, da censura, do rechaço, do abandono. A análise representou tantas

vezes, para muitos, o único refúgio seguro. Sabíamos que nosso analista teria condições de ouvir nossos envergonhados relatos e não iria nos condenar ou abandonar. Faria o possível para compreender as motivações para termos agido ou deixado de agir de tal ou qual maneira. Buscaria, delicadamente, as circunstâncias de nossa vida na época.

Rilke (1923), na primeira das elegias compostas no castelo de Duino, entre 1912 e 1922, fala a respeito da inutilidade de pedir, no auge do desespero, socorro aos anjos. Argumenta que, mesmo se um deles tivesse o coração tocado pelas súplicas e viesse nos acudir, sua forte, bela e ao mesmo tempo terrível presença seria tão deslumbrante, que nós, humanos, pereceríamos à sua simples visão. “Porque a beleza”, diz ele, “nada mais é que o começo do terror que ainda conseguimos suportar e tanto admiramos porque serenamente desdenha destruir-nos” (p. 2).

Penso que o mesmo ocorre com relação à verdade. Nossa relação com ela é sempre ambivalente. Ao mesmo tempo em que a buscamos, fugimos dela recorrendo às mais diversas estratégias. Daí a presença dos fenômenos resistenciais nas análises. Tanto por parte dos pacientes quanto dos analistas. É a essa mentira inconsciente dos mecanismos de defesa que a verdade, com *v* minúsculo, conceituada por Bianchedi e colegas, se refere. Aproveitando tais conceitos, podemos parafrasear o início da frase de Rilke: porque as inverdades que conseguimos pensar e transformar em palavras nada mais são que o começo das verdades que serão intoleráveis. Ou seja, suportamos as afirmativas verdadeiras até o ponto em que elas começam a doer. Expressando melhor: mesmo aquelas verdades que admitimos a duras penas e que conseguimos revelar aos nossos analistas no auge do desespero, são o que nossa memória e honestidade conosco mesmos alcançam. Enquanto escrevo isso, a frase de Bion (1970) retorna como um estribilho: “É muitas vezes esquecido que o dom da fala [...] foi elaborado tanto com o propósito de esconder o pensamento, por meio da dissimulação e da mentira, quanto com o propósito de elucidá-lo ou comunicá-lo” (p. 3).

Lembro aqui do professor Paulo Luis Vianna Guedes (1967), ao falar de pacientes do manicômio judiciário que, após terem cometido um crime horrendo, tornavam-se delirantes crônicos. No dizer de Paulo: “enlouqueciam para não enlouquecer de dor”. Não precisamos ir tão longe: guardando as devidas proporções, podemos nos perguntar o quanto, em maior ou menor grau, os mecanismos de defesa de nossa *loucura* neurótica sempre nos protegem do contato com a dor de uma verdade que seria insuportável.

Mas, como referi anteriormente, minha abordagem no presente texto não está predominantemente voltada para as mentiras dos pacientes. Foquei a questão da verdade nas teorias que utilizamos na prática clínica e que tem muito a ver

com os alertas que Bion nos faz e muito próximas das advertências de Nietzsche.

A expressão *cemitério das intuições*, referida na sessão três, é incrivelmente dolorosa. Um grito com relação ao quanto o uso repetido dessa moeda gasta de conceitos vazios impede a criatividade e o contato com a natureza mais essencial do sujeito. É contra isso que Bion está constantemente alertando. E essa é outra aproximação possível entre as concepções de Bion e as ideias de Nietzsche: o risco de interpretarmos não o paciente com sua psicanálise implicada em cada célula, mas aplicando as teorias que temos a respeito dele muito antes de sua entrada em nossos consultórios. Ou seja, criamos e preenchemos compartimentos teóricos, e depois – do mesmo modo que o homem que esconde algo atrás de uma moita e rejubila-se ao achá-lo precisamente onde escondeu – interpretamos o paciente segundo *verdades* que condicionam o olhar que temos a respeito dele. Bion não está rejeitando a importância das hipóteses que os teóricos anteriores da psicanálise construíram. Está apenas alertando com relação à pressa de aplicar em nossa prática o que supostamente já conhecemos.

## 7. A arte, porque a vida dói

Por isso, talvez, a arte não engajada seja tão fascinante. Ela transcende, em sua desnecessidade de explicações, todas as hierarquias que vão da Verdade à Mentira. Pertencem, a obra de arte e o fazer artístico, àquela categoria intermediária transicional, identificada por Winnicott (1951), que se situa entre interno e externo, realidade e fantasia:

A obra de arte está dentro e fora de nós, ela é nosso dentro ali fora. É isto que faz dela um objeto especial – um ser novo que o homem acrescenta ao mundo material, para torná-lo mais humano. [...]. Se a ciência e a filosofia pretendem explicação do mundo, esse não é o propósito da música, da poesia ou da pintura. A arte, abrindo mão das explicações, nos induz ao convívio com o mundo inexplicado, transformando sua estranheza em fascínio (Ferreira Gullar, citado por Morais, 2018, p. 41).

Ao ouvirmos uma peça musical comovente, estamos em contato com algo que não pertence a nenhuma das espécies sobre as quais discutimos nos capítulos anteriores. Simplesmente, ela *é*. Talvez seja o que tem mais potencial de nos fazer atingir o que Bion (1970, 1975) concebe como transformação em O. Algo que toca intimamente, ainda que não possa ser justificado intelectualmente. Nesse sentido,

a arte talvez proporcione momentos fugazes de um estado mental em que o ser humano entra em contato com as raízes de seu ser, sem preocupar-se (para citar o espectro completo de Bianchedi & Grotstein) com Verdade, verdade, inverdade, mentira ou Mentira. Em função dessa não necessidade de distinguir as categorias que tanto nos ocuparam, Frederico Morais, com muita propriedade, introduz seu livro sobre definições e conceitos de arte, comentando o quanto ironizam com o artista em seu papel de *falsário* e *mentiroso profissional*, e do quanto devemos duvidar do que um artista diz sobre sua obra. Provavelmente, ele inventará uma nova ficção. Duvidem do que ele diz, acreditem apenas no que ele faz.

É interessante que a mesma sensação que sentimos no contato com a obra de arte, estou tendo ao escrever esta parte do ensaio: certo alívio prazeroso. Que ótimo não precisar ocupar o tempo em saber se aquilo que está ali é verdadeiro ou mentiroso, real ou fantástico, fático ou ficcional. Uma obra de arte simplesmente é aquilo que está ali. Esta postura nos propicia entrar no estado emocional criativo que Fellini descreve sinceramente (!) em *Eu sou um grande mentiroso* (1994): “Para mim é muito mais fácil acreditar em tudo. Não acreditar me cansa; é como bloquear-se, construir barreiras, limites. Enquanto acreditar pertence a esse sentimento vago e fundamental no qual me reconheço” (p. 25).

Sob o ponto de vista afetivo, a autoria, as motivações e intenções de quem produziu a obra de arte não mais importam. Interessa o que ela nos provoca em termos de impacto estético. Nesse sentido, é muito boa a resposta dada à pergunta a respeito da existência de Homero. Não sabemos se Homero existiu; sabemos que existem duas obras, a *Iliada* e a *Odisseia*, que nos emocionam até hoje, criadas por um homem ou vários homens e mulheres, que chamamos Homero. Quando ouvimos falar que a arte existe para tornar a vida suportável, talvez seja em função desse desafogo que ela nos proporciona com relação aos esforços de uma definição precisa. Como queria Hegel, a arte se desenvolvendo com uma função e um propósito de conciliação dos contrários. Por isso, tantos artistas se manifestam em relação à arte como um alívio que torna a existência suportável, porque sem ela “[...] a vida seria torpe, brutal existir” (Read, citado por Morais, 2018, p. 22), ou como diz Iberê Camargo: “Eu não nasci para brincar com a figura, fazer berloques, enfeitar o mundo. Eu pinto porque a vida dói” (Citado por Morais, 2018, p. 22).

A magia inerente à arte existe exatamente por esse desfazimento das categorias evidenciadas por Nietzsche e denuncia, ao gosto do filósofo, o quão *lamentável, frágil e fugaz, quão sem sentido e arbitrário, o intelecto humano*. Suzane Langer, nessa mesma linha, compreende a ilusão como um importante princípio na arte: “[...] na verdade é um princípio cardinal. Nas artes, a ilusão não é pretexto ou engano, nem melhoramento do natural ou evasão da realidade. A

ilusão é a substância da arte [...]” (Citada por Morais, 2018, p. 37).

Acho um bom modo de conduzir este ensaio à sua conclusão, pois na escuta psicanalítica característica da postura mental preconizada por Bion, a preocupação imediata em definir se o que está sendo contado é verdade ou mentira, só perturbaria nossa aproximação com a essência do relato do paciente. Muito útil a ideia de Meltzer (1984), quando desaconselha que os analistas tentem *traduzir* o sonho do paciente como numa tradução de uma língua estrangeira. Recomenda que, lembrando o aforismo de Bion, se aproximem dos sonhos sem memória e sem desejo, escutando o paciente e observando a imagem que surge em sua própria mente:

Poderíamos afirmar, conseqüentemente, que deixa [o analista] que o paciente evoque nele um sonho. Este sonho, claro, será seu [do analista] e estará formado pelas vicissitudes de sua própria personalidade. Mas, depois de tudo, é de supor que os anos de experiência no divã [...] tenham-lhe proporcionado certo virtuosismo na linguagem de seus próprios sonhos. Desde esse ponto de vista poderíamos imaginar que toda a tentativa de formular uma interpretação de um sonho de um paciente, implicaria um preâmbulo tácito: “Enquanto ouvia seu sonho, tive um sonho que, em minha vida emocional significaria o seguinte, que gostaria de compartilhar com você com a esperança de que proporcionará alguma luz sobre o significado que seu sonho tem para você” (p. 100).

Encerro comentando a respeito da dificuldade técnica que surge na procura do estado mental *sem memória, sem desejo, sem compreensão*, sugerido por Bion. A pressão de ficar aderido à concretude da realidade, histórica ou presente, é forte demais e dificulta permanecer num estado de receptividade onírica durante muito tempo. Diz Civitarese (2018): “Para ver o que o paciente vê, como escreve Bion, é preciso entrar num estado de quase estupor [...]. Se um analista tem a impressão, durante a sessão, de que um paciente não é casado, ele deve seguir a sua ideia/intuição, mesmo se ela for desmentida pelo estado civil” (p. 41).

Uma das maneiras práticas para lidar com tal dificuldade é adotar, durante a sessão, a premissa que Antonino Ferro (2009) chama de *transformação em sonho*. Seu enunciado pode ser resumido com a frase *todo material da sessão pode ser ouvido como um sonho que o paciente está nos contando*. Uma tática muito útil é imaginar, no início da fala do paciente, a expressão “sonhei que...”. Civitarese (2018) aponta como essa estratégia pode nos acudir, embora devamos evitar seu uso mecânico. O ideal é interiorizá-la, *esquecê-la*, redescobri-la a cada nova sessão

e deixar-se surpreender por seus resultados. Não negligenciando, é claro, o fato de que torna-se muitas vezes necessário, no transcorrer de uma análise, sair desta posição e aproximar-se da realidade objetiva possível, ainda que imperfeita ou sem certeza absoluta.

Talvez seja uma boa conclusão para este trabalho: descobrir que os achados da arte inspirada e os conceitos de sonho e de vida onírica são os que unificam essas noções de verdade e mentira. Foi um sonho. Só assim, como queria Gonzaguinha,<sup>3</sup> estar nos nossos consultórios do mesmo jeito de um animal que sabe da floresta. □

## Abstract

### Nothing is more inconceivable...

In this text, an approximation is made between Nietzsche's reflections upon the *truths* we create in our search for certainties in the most diverse areas of knowledge and Bion's ideas on how we use theory to *understand* what is happening with our patients. From this parallel, some critical comments on the various types of statements present in psychoanalytic practice and the role of dream and art in the confluence of the two elements of the binomial truth-lie are weaved.

Keywords: Nietzsche; Bion; Truth; Lie; Art; Dream

## Resumen

### Nada más inconcebible...

En este trabajo se hace una aproximación entre las reflexiones de Nietzsche acerca de las *verdades* que creamos en nuestra búsqueda de certezas en las más diversas áreas del conocimiento y las ideas de Bion sobre la forma en que utilizamos la teoría para *comprender* lo que está sucediendo con nuestro paciente. A partir de ese paralelo, son tejidos algunos comentarios críticos sobre las diversas clases de afirmativas presentes en la práctica psicoanalítica y el papel del sueño y del arte en la convergencia entre los dos elementos del binomio verdad-mentira.

Palabras clave: Nietzsche; Bion; Verdad; Mentira; Arte; Sueño

---

<sup>3</sup> N.R.: *Redescobrir*, letra de Gonzaguinha, interpretada por Elis Regina no álbum *Saudade do Brasil*, em 1980.

## Referências

- Bianchedi, E. T. (1993). Lies and falsities. *Journal of Melanie Klein and Object Relations*, 11: 30-46.
- Bianchedi, E. T.; Bregazzi, C.; Crespo, C.; Rimoldi, E. G de; Notrica, S. G. de; Saffiores, D.; Bernztein, A. S. de; Werba, A.; & Zamkow, R. (2000). The various faces of lies. In *Bion: Between past and future*. London: Karnac.
- Bion, W. R. (1967). Notas sobre memória e desejo. In E. Spillius, *Melanie Klein Hoje*. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1990.
- Bion, W. R. (1970). *Attention and interpretation*. London: Jason Aronson Inc.
- Bion, W. R. (1975). *Transformations*. London: William Heinemann.
- Civitaresse, G. (2018). Traduzir a experiência: o conceito de transformação em Bion e a teoria pós-bioniana do campo analítico. In *78<sup>me</sup> Congrès des Psychanalystes de Langue Française* – Gênova, 10-13 Maio 2018.
- Cocteau, J. (1934). *La machine infernale*. Paris : Editions Bernard Grasset.
- Fellini, F. (1994). *Eu sou um grande mentiroso*. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1995.
- Ferro, A. (2009). Transformations. In *Dreaming and Characters in the Psychoanalytic Field, Int. J Psycho-Anal* 90, 2009, p. 209-230.
- Gonzaga Jr. L. (1980) (Compositor). Redescobrir. Interpretada por Elis Regina no álbum *Saudade do Brasil*. Rio de Janeiro: WEA (Warner Music), 1980.
- Grotstein, J. S. (2007). *Um facho de intensa escuridão*. Porto Alegre: Artmed, 2010.
- Guedes, P. L. V. (1967). Comunicação pessoal.
- Harari, Y. N. (2015). *Homo Deus*. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.
- Joyce, J. (2003). *Finnegans Wake/Finnicius Revém: Livro 1*, cap. 2, 3 e 4. Tradução de D. Schüller. Porto Alegre: Ateliê Editorial.
- Meltzer, D. (1984). *Vida Onírica. Tecnipublicaciones*. Madrid: S.A., 1987.
- Meltzer, D. (1988). *The apprehension of beauty. strath tay*. Scotland: Clunie Press.
- Morais, F. (2018). *A arte é o que eu e você chamamos de arte*. Rio de Janeiro: Bazar do tempo.
- Nietzsche, F. (1873). On truth and lies in a nonmoral sense. In *The complete works of Friedrich Nietzsche*. Hastings, East Sussex: Delphi Classics, 2015. Edição Kindle.
- Remedios, M. L. R. (2010). Comunicação pessoal.
- Rilke, R. M. (1923). *Duino elegies*. Berkeley: University of California Press, 1961.
- Winnicott, D. W. (1951) Objetos transicionais e fenômenos transicionais. In *Da pediatria à psicanálise*. Rio de Janeiro: Editora Francisco Alves, 1988.

Recebido de 17/12/2018  
Aceito em 09/01/2019

Revisão gramatical de **Ellen Garber**  
Revisão técnica de **Patrícia Lago**

**Juarez Guedes Cruz**  
Rua Tobias da Silva, 85/306  
90570-020 – Porto Alegre – RS – Brasil  
e-mail: juarezguedescruz@gmail.com

© Revista de Psicanálise – SPPA